

## O ATAQUE DE SEXTO EMPÍRICO ÀS TECHNAI (IN: M I- VI) E SEU CARÁTER POLÍTICO-PEDAGÓGICO

SEXTUS EMPIRICUS' ATTACK ON *TECHNAI* (IN: M I-VI) AND ITS  
POLITICAL/PEDAGOGIC CHARACTER

Rodrigo Pinto de Brito<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho propomos demonstrar como Sexto Empírico desenvolve seu ataque às *téchnai* em *Contra os Professores* (M I-VI). Primeiramente mapeamos o conceito de *stoicheion* (pl. *stoicheia*) em Aristóteles, pois pensamos que o amplo uso do conceito pelos filósofos helenísticos remete-se ao seu emprego por Aristóteles para a sistematização das ciências. Assim, Sexto Empírico, ao tratar das *téchnai*, as aborda através de um paradigma interno à sua sistematização, a partir de seus elementos. Em seguida, passamos à abordagem de Sexto da gramática, remetendo-nos às outras *téchnai*. Finalmente, lançamos uma hipótese a respeito de consequências político-pedagógico da abordagem de Sexto.

**Palavras-chave:** Sexto Empírico; *Contra os professores*; *téchnai*.

**ABSTRACT:** We propose here to show how Sextus Empiricus develops his attack on the *technai* in *Against the Professors* (M I-VI). First of all, we outline the concept of *stoicheion* (pl. *stoicheia*) in Aristotle, for we think that the wide use of the concept by Hellenistic philosophers goes back to Aristotle. Thus, Sextus Empiricus approaches the *technai* through a paradigm which is internal to their own systematization, from their elements. Secondly, we proceed to Sextus' approach to grammar, and we link this discussion on grammar to the other *technai*. Finally, we present a new hypothesis on the political and pedagogical consequences of Sextus' approach.

**Keywords:** Sextus Empiricus; *Against the Professors*; *technai*.

---

<sup>1</sup> Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Sergipe. Com auxílio do CNPq: chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES N° 22/2014 - ciências humanas, sociais e sociais aplicadas. O presente texto teve uma versão preliminar apresentada no XII Seminário Archai, realizado na Universidade de Coimbra em dezembro de 2014.

### Paradigma metodológico

O objetivo deste trabalho não é demonstrar a exequibilidade dos ceticismos antigos, seja pirrônico ou acadêmico, nem tentar traçar a Fortuna de seus conceitos, como tantas vezes já fiz, embora ambas as coisas indiretamente venham a ocorrer.

Dessa vez, meu objetivo será, sim, pensar possíveis resultados da abordagem de Sexto Empírico acerca das *téchnai* (artes, técnicas ou ofícios), presente notadamente em sua obra intitulada *Contra os Professores*, em que o filósofo/médico pirrônico de cerca de II-III d.C. metódica e sistematicamente ataca as disciplinas que compunham uma versão dos estudos cíclicos, a saber: gramática, retórica, geometria, aritmética, astrologia e música, respectivamente como Sexto as trata.

O método de Sexto para destruir as *téchnai* é golpear os elementos (*stoicheia*) que as compõem e fundamentam, e tudo indica que a concepção de *téchnē* como um tipo de exercício cuja qualidade do desempenho depende do manejo de certos elementos, remonta a Aristóteles. E embora no caso do estagirita a maioria das ocorrências de *stoicheia* se remeta aos elementos constitutivos da natureza (ver: *De Anima*, 404a, 5; 405b, 8; 410a, 2, 17-19; 410b, 11; 423b, 28; *Met.* 985a, 25, 32; 986a, 2, 18; 986b, 7-9, 987b, 19; e etc.), apesar disso, há também, por exemplo, a célebre passagem da *Arte Retórica* em que ele exorta que, para definir a retórica, se deve primeiro descobrir quais são seus tipos, de modo a em seguida se investigar quais são os elementos constitutivos de cada tipo (1358a, 35), ou ainda a passagem em que afirma que se devem entender os elementos específicos do entimema, por sua vez, ele próprio um elemento da retórica (1396b, 20). E também as passagens *Tópicos* 120b 13: “vamos dar a nossa atenção às questões relativas ao gênero e à propriedade. Ora, tanto o primeiro como a segunda pertencem ao número dos elementos relativos às definições”; e 163b 24: “... na geometria, antes de passar ao trabalho, se deve exercitar o conhecimento dos elementos”. Sem falar do tratamento dado às letras, como elementos das sílabas (*Met.* 993a, 4-10), e os princípios das palavras (*Met.* 998a, 23-25).

Suscintamente, parece que Sexto concorda com a definição aristotélica de *stoicheia* como “primeiro componente imanente do qual é constituída uma coisa e que é indivisível em outras espécies” (*Met.* 1014a, 25), e lida com as *téchnai* a partir de seus elementos, como propunham outros médicos de sua época, notadamente Galeno. Mas, antes de pretender

justificar os ofícios a partir de seus elementos constituintes, Sexto quer adotar “um método de ataque por aproximação, e quando tivermos subvertido seus princípios e elementos, junto com eles demoliremos também a estrutura do resto de suas teorias” (*Contra os Astrólogos* 49-53).

Agora, de acordo com Sexto Empírico “da filosofia cética, um argumento é chamado de ‘geral’ (*kathólou*) e outro de ‘específico’ (*eidikós*)” (*Esboços Pirrônicos* I, 5)<sup>2</sup>, e isso nos remete a um paradigma metodológico correlato ao dos médicos, pois

como os médicos que curam males corporais têm remédios que diferem em força, e aplicam os severos àqueles cujos males são severos e os brandos aos brandamente afetados, assim também o cético propõe argumentos que diferem em força (*P.H.* III, 280).

Portanto, com Sexto, começarei esboçando como o cético ataca os elementos em geral, para depois me voltar para a gramática.

### A refutação aos elementos em geral

A palavra *stoicheía* (nominativo, vocativo ou acusativo plural do neutro *stoicheíon*) tem 39 ocorrências totais em Sexto Empírico<sup>3</sup>. De modo geral, em *P.H.* a palavra é usada para

---

<sup>2</sup> Doravante, simplesmente *P.H.*

<sup>3</sup> Devo enfatizar aqui que minha busca se restringiu inicialmente à *stoicheía* (nominativo, vocativo ou acusativo plural do neutro *stoicheíon*), sendo, portanto, uma varredura parcial, daí ter encontrado somente 39 ocorrências. Um dos revisores anônimos desse texto, a quem agradeço, empreendeu uma busca muito mais exaustiva que a minha, incluindo tanto dativos, quanto genitivos (plural e singular) e mesmo nominativo singular, que não eram meu escopo inicialmente. Assim, nessa busca exaustiva por todos os casos, singular e plural, o resultado é de pelo menos 95 ocorrências, segundo notado pelo revisor anônimo. Claro, minha varredura parcial gera a distorção de ignorar entradas importantes, conforme notado ainda pelo revisor anônimo, especialmente no caso em que digo, algumas linhas abaixo, que “Passando a *Contra os Dogmáticos*, a primeira ocorrência se dá em *Contra os Lógicos* II, 99.7...”, pois o revisor notou que “Antes dessa [ocorrência], há duas I.89.6 e II.24.6”. Sim, é fato, mas como disse antes, a princípio eu buscava somente nominativo, vocativo ou acusativo plural do neutro *stoicheíon*, e a ocorrência em *Adv. Log.* I, 89.6 é um genitivo plural, a em *Adv. Log.* II, 24.6 está na forma neutra do nominativo, vocativo ou acusativo singular, e ambos não faziam parte da minha varredura inicial. Mas considerando que de fato minha redação poderia estar obscura quando digo “Passando a *Contra os Dogmáticos*, a primeira ocorrência se dá em *Contra os Lógicos* II, 99.7...”, resolvi ser mais específico. Agora, sem querer abusar da benevolência do leitor, talvez fosse necessário fazer algumas observações metodológicas acerca da minha escolha por uma varredura parcial do conceito:

a- o levantamento de ocorrências do conceito de *stoicheíon* em obras de Sexto Empírico que não *Adv. Gram.* visava mostrar como, de um modo geral, Sexto empregava o conceito, não somente como o define, pois as definições disponibilizadas são as dos dogmáticos, e expostas por meio de exemplos, ou seja, por meio de seus empregos.

b- O procedimento acima seria necessário para comparar com aquilo que, relativo ao conceito, Sexto faz em *Adv. Gram.*, que é o ponto de virada na minha argumentação.

c- Tendo isso em vista, para obras que não *Adv. Gram.* achei que bastaria procurar por situações em que Sexto dissesse algo como: “elementos funcionam...” ou “X e Y funcionam como elementos”. Ou seja, achei que seria

referir-se às concepções da física dogmática, por exemplo: que os átomos são os elementos que compõem a natureza (*P.H.* I, 147.6). Mais adiante, em *P.H.* II, 111, a palavra volta a ser empregada em uma altercação que tem por meta, mais uma vez, lançar aporias sobre a física abderita, ocorrendo outras 4 vezes.

Em *P.H.* III, 30, Sexto Empírico, baseado no argumento contra a concepção atomista de elemento, parte para uma invectiva contra todos os que postularam princípios materiais em suas físicas:

pois Ferécides de Siros declarou que terra era princípio de todas as coisas; Tales de Mileto, água; Anaximandro, seu ouvinte, ilimitado; Anaxímenes e Diógenes de Apolônia, ar; Hipaso de Metaponto, fogo; Xenófanes de Cólofon, terra e água; Oenópide de Quios, fogo e ar; Hipo de Régius, fogo e água; Onomácritos, em seu *Orphica*, fogo, água e terra; os ao redor de Empédocles, assim como os estoicos, fogo, ar, água e terra; (...) Aristóteles e os peripatéticos, fogo, ar, água, terra e “corpo que revolve”; Demócrito e Epicuro, átomos; Anaxágoras de Clazômena, homeomerias; Diodoro, chamado Cronos, corpos mínimos e não compostos; Heracleides de Pontos e Asclepiades da Bitínia, massas homogêneas; os ao redor de Pitágoras, números; os matemáticos, limites dos corpos; Strato, o físico, qualidades. (*P.H.* III, 30-33).

O ataque desenhado se projetará em outra direção, tornando-se mais geral ainda, pois que passará a considerar, a partir de *P.H.* III, 37.13, não os elementos postulados por cada doutrina física, mas a possibilidade de apreendê-los, não obstante quais sejam, e é nessa linha de argumentação que surgem as outras ocorrências de *stoicheia* em *P.H.*: III, 55.6; 62.6; 152.1,4 (com duas ocorrências na mesma linha); 153.1,4.

Passando a *Contra os Dogmáticos*, a primeira ocorrência de *stoicheia*<sup>4</sup> se dá em *Contra os Lógicos*<sup>5</sup> II, 99.7, em que o alvo é a teoria defendida pela Escola Dialética de que as proposições, quanto mais simples se tornam, ficam mais elementares também, de modo que se tornam, em âmbito discursivo, análogas aos elementos da física. Aqui, a condução a aporia por Sexto Empírico obedece ao mesmo programa utilizado quanto à física que já mencionei acima (e que é expandido em *Contra os Físicos* I, 212.6; 359.3; II, 248.8; 249.5; 253.4 (com duas ocorrências); 254.5 (com duas ocorrências); 258.3, 260.2; 312.4; ), a saber: a demonstração

---

suficiente buscar momentos em que Sexto empregasse “elementos” tanto como sujeito quanto como objeto direto, com o especial detalhe do plural, pois não me interessaria saber como um elemento funcionaria sozinho, mas como funcionaria articuladamente, daí *stoicheia*.

d- Quanto a *Adv. Gram.*, a varredura incluiu outras declinações, não somente nominativo, vocativo ou acusativo plural. Nesse caso, especialmente importantes são as ocorrências em genitivo, tratando de elementos de algo.

<sup>4</sup> Ver nota 3 acima.

<sup>5</sup> Doravante *Adv. Log.*

das diafonias acerca de quais seriam os elementos primários, qual o seu comportamento e função e, sobretudo, sua inapreensibilidade (*Adv. Log.* II, 319.4; 336.1,3 (com duas ocorrências); 348.4).

### A refutação das letras enquanto elementos específicos da gramática

A notação usual das obras de Sexto Empírico as divide em três blocos, o primeiro, composto pelos *Esboços Pirrônicos*, obra única dividida em 3 livros; o segundo, composto pelas 6 obras que perfazem *Contra os Professores*, cuja notação usual é M I a M VI (*Contra os Gramáticos*, *Contra os Retóricos*, *Contra os Geômetras*, *Contra os Aritméticos*, *Contra os Astrólogos*, *Contra os Músicos*); e o terceiro, perfazendo *Contra os Dogmáticos*, composto por três obras: *Contra os Lógicos* (em dois livros), *Contra os Físicos* (em dois livros) e *Contra os Éticos*, em livro único, usualmente notados como M VII a M XI.

Mas opto por abandonar tal notação, uma vez que a ela subjaz a hipótese de que o bloco *Contra os Dogmáticos* seria posterior ao bloco *Contra os Professores*. Para mim seria o contrário, uma vez que o último livro de *Contra os Dogmáticos: Contra os Éticos*<sup>6</sup>, notado como M XI, é o único livro de seu bloco que tem por escopo, entre outras coisas, o desempenho das *téchnai*. Desempenho este tratado de acordo com o programa sextiano, a partir do mais geral, em que a filosofia aparece como *téchnē tou bíou* (*Adv. Eth.* 168), caminhando para o mais particular, em que Sexto introduz os argumentos que desenvolverá no bloco *Contra os Professores*, que considero posterior. E é precisamente preludiando as discussões apresentadas em *Contra os Gramáticos*<sup>7</sup> que ressurge, em *Adv. Eth.*, a discussão acerca dos *stoicheia*, entendidos como elementos da gramática, ou seja, as letras.

Assim, Sexto Empírico começa *Adv. Gram.* com o esclarecimento da metodologia que empregará, aquela salientada anteriormente, que considera que há argumentos mais gerais e outros mais específicos. Por um lado, um argumento geral que atinja as *téchnai* como um todo atua, por exemplo, fragilizando os elementos que compõem o processo de ensino e aprendizagem das artes/ofícios, a saber: estudo, conteúdo a ser ensinado, o discurso, professor

---

<sup>6</sup> Doravante *Adv. Eth.*

<sup>7</sup> Doravante *Adv. Gram.*

e estudante. Esses tópicos perfazem os 40 primeiros passos de *Adv. Gram.* Por outro lado, um argumento específico é aquele que, por exemplo, ataca os elementos específicos de cada *téchnē*.

Mas, se os elementos específicos da gramática são as letras, como pode então o cético escrever sem contradizer-se? Isso demanda uma atenção especial de Sexto, que nos diz:

E em cada caso, mesmo que queiramos, não podemos aboli-la sem contradizermos, pois, se os argumentos que demonstram que a gramatística é inútil são eles próprios eficazes, mas não podem ser lembrados e nem transmitidos à posteridade sem ela, então a gramatística é útil. Mas talvez possa ser pensado que Timão, o expositor dos discursos de Pirro, é da opinião contrária quando diz: “Gramática, dela não há qualquer consideração nem exame// no homem que aprende os símbolos fenícios de Cadmo”.<sup>8</sup> Mas esse não parece ser o caso. Pois o dito por ele “não há qualquer consideração nem exame” não é de fato dirigido contra a própria gramatística, por meio da qual se ensinam os “símbolos fenícios de Cadmo”, pois como [é possível], se alguém a ensina, não ter dela nenhuma consideração? Antes, o que [Timão] quer dizer é algo como: “aquele que aprendeu os símbolos fenícios de Cadmo não tem que recorrer a qualquer outra gramática além dela”, o que se refere não à inutilidade desta [gramática] que lida com os elementos do alfabeto e com o emprego deles na escrita e na leitura, mas antes à presunção e desnecessidade da outra gramática. A prática com os elementos, por um lado, contribui para a conduta na vida, mas, por outro lado, não se satisfazer com o que é ensinado a partir da sua observação, e tentar mostrar, por exemplo, que alguns [dos elementos] são, por natureza, vogais, outros consoantes, e que, dentre as vogais, algumas são, por natureza, breves, outras longas, outras ambíguas e comuns em quantidade e contração, e, em geral, todas as outras coisas que são ensinadas pelos conceituados gramáticos <são [procedimentos] inúteis>. Assim, ainda que, por um lado, nada tenhamos do que acusar a gramatística, mas, antes, até mesmo devemos-lhe os mais calorosos agradecimentos, por outro lado, direcionamos [nossa] crítica contra o resto [da gramática]. (*Adv. Gram.* 53-55).

A passagem é deveras eloquente, Sexto sabe que seria se auto-refutar pretender lançar aporias sobre a utilidade da gramática, mas divide o gênero Gramática em duas espécies: gramatística e gramática. A primeira, responsável por ensinar como manejar as letras/signos fenícios de Cadmo, é útil e não pode ser desprezada, sob pena de se tornar ágrafo; a segunda, cujos especialistas, encabeçados pelos gramáticos de Alexandria e de Pérgamo, se debruçam em problemas sobre a naturalidade dos proferimentos, a origem dos sons, a etimologia, a acentuação correta, além de envolvidos em disputas infundáveis, oriundas de seus projetos peculiares de reforma ortográfica, também incorrem em argumentações que revelam a inutilidade e a incoerência de sua ciência.

Pois, em uma época de amplo uso da língua grega, falada de diversos modos por pessoas em sua maioria iletradas, qual seria a utilidade de sistematizar uma língua grega artificial,

---

<sup>8</sup> Fr. 835 Lloyd-Jones / Parsons.

impondo espíritos e acentos para letras, gêneros e declinações para nomes e conjugações para verbos, se a maioria absoluta das pessoas não ficaria sequer ciente dessas modificações? Qual parâmetro de correção utilizar para sistematizar o novo grego, a língua de Homero? Então todos teriam que falar como Homero? Estas são perguntas que Sexto se faz ao longo do tratado. Mas há uma crítica que ele fará posteriormente à retórica que não pode ser antecipada em *Adv. Gram.*, a de que a gramática não tem finalidade (*télos*), embora não tenha utilidade, porque a finalidade da gramática, segundo os gramáticos, é suscitar o bom/belo grego, ou bom uso da língua grega, *hellēnismós*, como medida preventiva contra solecismos e barbarismos, considerados tipos de erro pelos gramáticos.

Tendo isso em vista, toda a argumentação de Sexto, por antítese, conflui para o uso comum como critério para o bom grego, critério de beleza estética – uma vez que belo é o que está de acordo com padrões de beleza engendrados no seio das próprias comunidades – e critério pragmático mesmo – uma vez que, quem é ativo no bem falar, assim o é porque se comporta de acordo com as convenções linguísticas também elas engendradas nas comunidades.

Ruem assim, com Sexto, o projeto tecnocrático dos gramáticos de se autopromoverem como detentores derradeiros de critérios para o bem e belo falar, e também o projeto de colonização, de helenismo linguístico (escopo original do termo), que atropelaria as peculiaridades linguísticas dos possíveis novos dialetos gregos pós-alexandrinos, em gérmen.

Ilustrarei esse ponto do critério comunal e habitual de beleza estética com a seguinte passagem de *Contra os Músicos*<sup>9</sup> (29-34), que enfatiza o tema do prazer e também se relaciona com as discussões propostas em geral sobre os elementos e especificamente em *Adv. Gram.*:

o principal argumento contra a música é que se é útil, é pretensamente útil tendo por fundamento que, quem cultiva o gosto pela música, comparado com os ordinários (*toùs idiōtas*), deleita-se mais ao ouvir execuções musicais, ou tendo por fundamento que é impossível os homens serem bons a não ser que tenham sido educados através dela, ou porque os elementos subjacentes à música são as mesmas matérias cujos quais a filosofia conhece, o que é como o que dissemos anteriormente sobre a gramática, ou porque o cosmos é ordenado de acordo com a harmonia, como diziam os discípulos de Pitágoras (*Pythagorikōn paides*), e precisamos dos teoremas da música para entendermos o Todo das coisas, ou porque a melodia molda o caráter da alma. Mas não terá fundamento <dizer> que a música é útil porque os músicos, comparados com os ordinários, têm mais prazer quando ouvem as execuções. Pois, primeiramente, por um lado, porque certamente esse prazer não é necessário para as pessoas comuns tal como o prazer que surge da bebida ou do calor, após a fome, a sede e o frio; mesmo

---

<sup>9</sup> Doravante *Adv. Mus.*

que fossem necessários, poderíamos desfrutar-lhes sem habilidades musicais. Como as crianças são levadas ao sono por cantigas de ninar, e animais são encantados pelos sons da flauta. Assim, segundo o relato, os golfinhos cantam para os barcos quando deles se aproximam por conta do prazer que sentem com as melodias das flautas, mas nem crianças nem animais são especialistas em música, e nem têm a habilidade de entendê-la. (...) assim como não se precisa ser cozinheiro ou fabricar vinhos para deleitar-se com boa comida ou bebida. (*Adv. Mus.* 29-34).

Agora, voltando ao início do texto, disse que somente indiretamente mencionaria a Fortuna dos conceitos do ceticismo e também a questão da exequibilidade do pirronismo. Menti.

Assim, quanto ao primeiro ponto, o da Fortuna, ao criticar o projeto de sistematizar o grego a partir de paradigmas estritamente teóricos que versavam sobre temas como os elementos ou a naturalidade dos gêneros dos nomes, Sexto Empírico acaba por propor, subjacente ao critério do uso, a experiência e a observação (*empeiria/térēsis*) como método de aproximação dos hábitos locais das comunidades. Poderia dizer que o bloco do qual *Adv. Gram.* faz parte: *Contra os Professores*, não é uma obra estritamente destrutiva, como por vezes se interpretou, posto que arruíne os projetos de teorização dos estudos cíclicos. Pelo contrário, tal *dýnamis* destrutiva, serve para fazer com se encontre um *póros* entre as discussões aporéticas dos teóricos e professores. Mas este *póros* não está dado, ele precisa ser construído, sua eficiência precisa ser investigada, e é pela experiência que se há de reconhecer isso, e também seus limites e seu alcance. O bloco *Contra os Professores* pode, com justiça, ser considerado receptáculo de uma concepção de conhecimento proto-falibilista, empirista e pragmática, que busca a verdade somente por aproximação e adequação.

Quanto ao ponto da exequibilidade, ou da viabilidade prática do ceticismo sextiano, a meu ver, Sexto Empírico estaria apto a dizer que essa exaltação de um modelo empirista de conhecimento aproximado é conduzida como um relato. Simplesmente, ele narra o que a ele parece melhor, e aparências são indiscutíveis, somente se discute se elas são tais como os objetos ou estados de coisas que as suscitam. Mas a cognição cética não está situada no eixo conhecimento/mundo, no qual orbitam os conceitos de verdade e falsidade, cujos parâmetros, em outros empirismos, operam de acordo com a adequação da percepção ao estado de coisas, acuradamente representado pela mente. A cognição cética abre mão de tal eixo, tudo que interessa ao cético são as aparências, não obstante sua relação com estado de coisas, pois as



aparências são coercitivas. O cético é coagido pelas afecções, que, não tendo valor de verdade ou de falsidade, não podem ser refutadas. Então, se a defesa do empirismo cético é a defesa de uma experiência pessoal de Sexto, prova por si só da exequibilidade do método, por outro lado, ele não pode ser acusado de dogmático por estar simplesmente agindo conforme sua experiência. Do ponto de vista do cético, abrir mão da experiência a favor de uma verdade abstrata, vinculada ao belo e ao bom, isso sim é dogmatismo, e dogmatismo estético/epistêmico/ético.

Finalmente, isso nos conduz de volta à valorização da experiência pessoal, tema que pode ainda nos fazer pensar sobre outros âmbitos da Fortuna das obras de Sexto, a política e a antropologia. Pois, ao defender a experiência do homem comum e torná-la uma possibilidade suficiente para a abordagem do mundo, o ceticismo se torna não só uma exortação do *phaûlos* (ordinário) contra as epistemologias arrogantes e pretensiosas, mas também contra o apoderamento das comunidades de pessoas ordinárias por corpos políticos maiores que se julgam melhores, e por estruturas de poder dominadoras, que tratam este ordinário como vil ou inferior. Ademais, essa defesa do *phaûlos* se torna uma defesa do *idiótēs*, do homem privado, tornado idiota a partir do séc. XVI (etimologia, cf. Houaiss), face ao poder hegemônico.

Mas, é claro, reduzir o campo da experiência ao âmbito do estritamente privado e pessoal poderia ser uma armadilha aqui, podendo-se imaginar que o cético é uma espécie de empirista radical e um solipsista, que aceita somente sua própria e peculiar impressão, podendo (por que não?) agir erradamente durante todo o curso de sua vida. Mas para evitar tal erro existe um parâmetro de correção: lançar as experiências na arena da vida comunal, arena do *éthos* (hábito) e do *nómos* (convenção/lei), arena do *koinós* (comum), da qual o cético partilha (*P.H.* I 237.7). Assim, o pirronismo de Sexto se transforma em uma defesa da *koinōnía*, da comunidade, e mesmo das comunidades particulares (*idiótētes koinōnīai*), como interpretou Montaigne, talvez a partir do 10º tropo de Enesidemo, que versa sobre os diferentes hábitos de diferentes povos e os trata em igualdade com os hábitos gregos, eliminando as fronteiras entre gregos e bárbaros, na linguagem, entre helenismo e barbarismo.

## REFERÊNCIAS

### a. Fontes primárias:

- Annas, J. & Barnes, J. (eds.) (2000), *Sextus Empiricus. Outlines of Scepticism*. Cambridge.
- Barnes, J. (ed.) (1984), *The Complete Works of Aristotle*. The Revised Oxford Translation, 2 vols. Princeton.
- Bett, R. (1997), *Sextus Empiricus. Against the Ethicists*. Oxford.
- Blank, D. L. (1998), *Sextus Empiricus. Against the Grammarians*. Oxford.
- Brito, R. & Huguenin, R. (2013), *Sexto Empírico. Contra os retóricos*. São Paulo.
- Brito, R. P. & Huguenin, R. (2015), *Sexto Empírico. Contra os gramáticos*. São Paulo.
- Brock, A. A. (1991), *Galen. On the Natural Faculties*. Harvard.
- Bury, R. G. (2006), *Sextus Empiricus. Complete Works*. 4 vols. Harvard. Reimpr.
- Hicks, R. D. (1975) *Diogenes Laertius. Lives of Eminent Philosophers*. London.
- Kirk, G. S., Raven, J. E. & Schofield, M. (1994), *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa.
- Long, A. A., Sedley, D. N. (1987), *The Hellenistic Philosophers: translation of the principal sources, with philosophical commentary*, 2 vols. Cambridge.
- Mates, B. (1996), *The Skeptic Way: Sextus Empiricus's Outlines of Pyrrhonism*. Oxford.

### b. Fontes secundárias:

- Brito, R. P. de. *Uma 'via média' interpretativa para o ceticismo sextiano e sua aplicação na análise de 'Contra os Retóricos'*. In: Sképsis (Salvador. Online), v. 1, p. 33-69, 2014.
- Burnyeat, M. F.; Frede, M. (orgs.). *The Original Sceptics*. Cambridge: Hackett Publishing Company, 1998.
- Floridi, L. *Sextus Empiricus: The Transmission and Recovery of Pyrrhonism*. Oxford, Oxford University Press, 2002.
- Marcondes, D. *A "Felicidade" do Discurso Cético: o Problema da Auto-refutação do Ceticismo*. In: *O Que Nos Faz Pensar*, n° 8, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Juízo, Suspensão do Juízo e Filosofia Cética*. In: *Sképsis*, n° 1, 2007.
- Michel de Montaigne. *Ensaio*. São Paulo, Abril Cultural: 1972.
- Momigliano, A. *Os limites da helenização: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1991.
- Petit, P. *A civilização Helenística*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- Smith, Plínio Junqueira. *Terapia e Vida Comum*. In: *Sképsis*, n° 1, 2007.
- Striker, G. *Greek Ethics and Moral Theory*. In: *The Tanner Lectures on Human Values*, 1987.
- Vogt, K. *Activity, Action and Assent: on The Life of the Pyrrhoniam Sceptic*. In: *Princeton Colloquium in Ancient Philosophy*, 2007.

### c- Obras de referência:

- Houaiss. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa, versão 1.0*.
- Lidell, H. G.; Scott, R. *A Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by. Sir Henry Stuart Jones. with the assistance of. Roderick McKenzie*. Oxford: Clarendon Press, 1940.